MANOEL, Ivan Manoel; ANDRADE, Solange Ramos de (orgs.). *Tolerância e intolerância nas manifestações religiosas*. 1. ed. Franca: UNESP-FRANCA, 2010. v. 1. 283 p. ISBN: 978-85-7818-037-9.

Daniel Lula Costa¹

O livro “Tolerância e Intolerância nas Manifestações Religiosas” é um compêndio das conferências e mesas-redondas realizadas durante o II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH na cidade de Franca-SP em outubro de 2008. Sob a organização dos historiadores Solange Ramos de Andrade, atualmente coordenadora nacional do GTHRR e Ivan A. Manoel, coordenador regional do GTHRR - SP, o tema central do livro refere-se à intolerância e tolerância nas manifestações religiosas e as possíveis conseqüências que surgem ou podem surgir de seus atos.

É pertinente à proposta do livro, a transcrição do discurso de abertura do Encontro feito por Ivan Manoel acerca de que os estudos sobre as religiões e as religiosidades não tiveram aceitação imediata nos diversos setores da academia brasileira. Foram dedicados anos de trabalho e pesquisa para que as religiões pudessem ser consideradas objeto legítimo de estudo. Hoje sabemos que, o campo da “História das Religiões” está em constante crescimento, embasado por encontros, congressos, pesquisas e do interesse acadêmico por meio de iniciativas de atividades como as da Associação Brasileira de História das Religiões e do GT História das religiões e das religiosidades.

Com o aumento do interesse às pesquisas voltadas à religião, esta obteve o status de objeto de estudo fundamentado em teorias e metodologias científicas. Assim a “História das Religiões” conquistou espaço na academia, possibilitando a agregar conhecimentos diversos na tentativa de compreender as diversas manifestações religiosas e a sua atuação no cenário da história. Nesse sentido, o primeiro capítulo que compõe o livro é “Tolerancia e Intolerancia em La Historia Religiosa de America Latina” escrito pelo historiador Roberto Di Stefano, com o objetivo de analisar os problemas da história da tolerância religiosa na América Latina. O autor resgata alguns

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação da UEM.

textos do século XVI que possibilitam a compreensão do significado de tolerância no momento da invasão européia na América Latina e discute conceitos como “religiosidade popular” e “religião local”, optando pela utilização deste por entender que “religiosidade popular” implicaria em pensar a religião a partir das categorias “elite” e “povo”, termos ainda pouco definidos no âmbito da religião.

O segundo capítulo denominado “Bioética, Tolerância e intolerância nas manifestações religiosas” introduz o significado de bioética nas discussões sobre a tolerância e intolerância das manifestações religiosas. A autora, a odontóloga Mônica da Costa Serra, explica o surgimento do conceito de Bioética e os fatos históricos que contribuíram para a sua origem, como o desenvolvimento de pesquisas em seres humanos e o surgimento do “Comite de Seattle”, um comitê de ética hospitalar. A autora discute a relevância da inclusão das religiões nas decisões bioéticas, em questões como o aborto, a eutanásia e as células-tronco embrionárias.

“Intolerância e preconceito na obra dos intelectuais da Umbanda” é o terceiro capítulo do livro resenhado, no qual, o historiador Artur Cesar Isaia problematiza a intolerância nas obras dos intelectuais umbandistas acerca das religiões afro-descendentes. O autor analisa o esforço dos intelectuais umbandistas de aproximar a sua religião do letramento, afastando a umbanda do candomblé e aproximando-a do espiritismo, e conseqüentemente da modernidade e da ciência. De acordo com Isaia a tentativa de aproximar a religião umbandista do alfabetismo, do espiritismo e até mesmo do catolicismo ocasionou muitas modificações na estrutura do culto, na caracterização dos seus deuses, além do afastamento das características afro-descendentes e do próprio homem africano.

O quarto capítulo, “Igreja e Estado na Primeira República: Relações eclesiástico-políticas em Minas Gerais” - de autoria do historiador Wenceslau Gonçalves Neto - discute as relações entre Igreja e Estado em Minas Gerais durante a primeira República, contextualiza o afastamento entre Igreja e Estado e foca principalmente na questão educacional, uma vez que a grande obra do Estado no século XIX teria sido a construção do sistema nacional de ensino. Por meio de diversos documentos, o autor discute acerca do ensino em Minas Gerais, e problematiza a quantidade de padres que ainda lecionavam ou tentavam conseguir um cargo público.

A geógrafa Zeny Rosendahl é a autora do quinto capítulo: “Tolerância e intolerância religiosa a partir da geografia”, no qual aborda algumas teorias sobre

intolerância e tolerância religiosa em dois autores: os geógrafos, Paul Fickeler e David Sopher. Enquanto Fickeler defende que para o estudo da Geografia das religiões é necessário o conceito de tolerância religiosa na relação entre religião e a sua distribuição territorial, para David Sopher, os objetos de estudo seriam apenas os sistemas religiosos organizados e institucionalizados e ao abordar a questão territorial religiosa deveríamos classificar os resultados em três tipos comportamentais: a coexistência pacífica, a instabilidade e competição, e a intolerância e exclusão. Para Rosendahl “as estratégias político-religiosas são implantadas com o objetivo central de materializar o poder religioso de determinada comunidade como hegemônico no contexto histórico”².

O sexto capítulo denominado “Leitura Bakhtiniana do sincretismo religioso em Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa” foi escrito pelo Doutor em Educação Juscelino Pernambuco. O autor parte da premissa de que, no Brasil, a prática de diferentes religiões por um mesmo indivíduo tornou-se prática comum, no livro “Grande Sertão: Veredas”, por exemplo, há passagens que ilustram isto. O personagem Riobaldo, por exemplo, pratica todas as religiões com o objetivo de alcançar a salvação da alma. Partindo da teoria bakhtiniana, o autor conjectura que o escritor Guimarães Rosa revela a aceitação do sincretismo religioso durante toda a narrativa, pois ele acreditava que para se proteger dos perigos da vida era necessário se sentir protegido.

O sétimo capítulo, intitulado “A Tolerância como estratégia da Igreja Católica frente à religiosidade”, analisa os documentos das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla enquanto posturas estratégicas de evangelização da Igreja Católica. A historiadora Solange Ramos de Andrade entende que estes dois documentos remetem a uma interpretação de tolerância, no sentido de suportar com paciência. Assim ficaria claro que a Igreja Católica interpreta a religiosidade latino-americana como erradas e procedentes da ignorância deste povo, concluindo que eles só encontrariam salvação com a obtenção da verdade, encontrada somente na Igreja Católica.

“Tolerância e Intolerância religiosa numa perspectiva psicológica” é o título do oitavo capítulo escrito pelo psicólogo e filósofo José Francisco Miguel Henriques

²ROSENDAHL, Zeny. “Tolerância e intolerância religiosa a partir da geografia”. In: MANOEL, I. A. (Org.); ANDRADE, S. R. (Org.). **Tolerância e intolerância nas manifestações religiosas**. 1. ed. Franca: UNESP-FRANCA, 2010. v. 1. p. 125.

Bairrão, o qual discute por meio de uma perspectiva psicológica a questão da intolerância e tolerância religiosa. O autor analisa a busca pelo autoconhecimento humano como forma de aprimoramento e busca por Deus. Para o autor, o antídoto para a intolerância está no reconhecimento de si na forma do Outro que se combate; entende ainda que, a intolerância possui razão psicológica e é uma forma de ateísmo, ela deve ser buscada por meio do humano religioso.

O nono capítulo, “Intolerância na Música: o órgão tubular” de autoria da doutora em música, Dorotéa Kerr, contextualiza e discute a história do órgão tubular como instrumento musical religioso e aponta as atividades que seguiu o Concílio Vaticano II, tendo como foco o Brasil. De acordo com Kerr, o órgão é um instrumento único da religiosidade cristã, a música representa as intolerâncias, os conflitos religiosos e os antagonismos dentro da Igreja cristã. Além disso, ela apresenta uma discussão acerca da formação dos músicos que passou à acontecer com a criação das *schola cantorum* em Portugal.

“O que se pode dizer sobre Deus, a proximidade/distância entre as pessoas. Reflexões filosóficas sobre Pseudo-Dionísio Aeropagita a atualidade e a Tolerância”, escrito pelo teólogo e filósofo João Madeira, é o décimo capítulo do livro. Ao discutir a Teologia Negativa, representada por Pseudo-Dionísio Aeropagita, o autor explica que Dionísio Aeropagita foi um personagem bíblico e que o referencial não se trata da mesma pessoa, por isso o termo Pseudo. O fato de o autor ter se definido como Dionísio Aeropagita indica que a obra deve ser compreendida na tradição filosófica que fortalece a transcendência divina em um contexto de cristianismo. De acordo com Madeira, a Teologia Negativa nega que a “divindade seja ‘ser’ na mesma medida que os outros serão o são”³. O autor inicia com o exemplo de Nadine Gordiner sobre tolerância e direito dos negros, e conclui que a experiência religiosa e a tolerância representam muito mais que meros conceitos.

O capítulo décimo primeiro é intitulado “O convite e o banquete: manjando os deuses e o povo da crença”, escrito pelo sociólogo Dagoberto José Fonseca, e discute a

³ MADEIRA, João. “O que se pode dizer sobre Deus, a proximidade/distância entre as pessoas. Reflexões filosóficas sobre Pseudo-Dionísio Aeropagita a atualidade e a Tolerância”. In: MANOEL, I. A. (Org.); ANDRADE, S. R. (Org.). **Tolerância e intolerância nas manifestações religiosas**. 1. ed. Franca: UNESP-FRANCA, 2010. v. 1. p. 201.

tolerância e intolerância religiosa por meio da antropologia. Para Fonseca a religião possibilita duas ligações, entre o homem e Deus, e entre um homem e outro. A partir desta afirmação, o autor discute e problematiza a intolerância, entendendo-a como um fenômeno humano que levanta preconceitos contra algo que impõe medo para aquele que não o conhece, e assim, possibilita ao indivíduo agir com violência. O autor analisa diversas situações como o Holocausto, as cruzadas e o embate entre religiões. Fonseca conclui dizendo que a intolerância é um movimento ativo que violenta, já a tolerância é passiva visa a acomodação.

O capítulo seguinte, “Tensões no refúgio: A presença de nazistas e simpatizantes entre refugiados do nazismo em Rolândia-PR” do historiador Marco Antonio Neves Soares, analisa uma pequena comunidade de refugiados do nazismo, entre 1933 e 1936, na região de Rolândia-PR. O autor trabalha por meio de fontes documentais arquivadas no Centro de Pesquisas e Documentação Histórica da Universidade Estadual de Londrina, estabelecendo uma discussão sobre o surgimento da cidade de Rolândia e os fatores que levaram alguns refugiados alemães a se instalarem no local, sendo que nesta mesma localidade existiam simpatizantes e atuantes do nazismo.

O historiador Jérri Roberto Marin, analisa o Mato Grosso (MT) por meio das representações de D. José Maurício da Rocha, segundo bispo da diocese de Corumbá, de 1919 a 1927, no décimo terceiro capítulo - “D. José Maurício da Rocha e as lutas em torno das identidades Mato-grossenses”. A diocese de Corumbá sofreu com falta de assistência religiosa aos fiéis e o bispo D. José Maurício tentou organizar um patrimônio na região, mas esta não possuía condições para tal progresso. Dessa forma o bispo passou a se ausentar da região, tornando o clero escasso no local, o que criou um ambiente de antipatia para sua pessoa, o qual foi transferido para a diocese de Bragança, em 1927. De acordo com Marin, a criação da diocese em Corumbá não implicou em grandes mudanças no cenário religioso.

Por fim, o décimo quarto capítulo, intitulado “Contribuições de Tomás de Aquino (século XIII) para o debate acerca da tolerância”, de autoria das historiadoras Terezinha Oliveira e Tatyana Murer Cavalcante, analisa a ética em geral e a tolerância na obra de Tomás de Aquino, no contexto do século XIII. Elas analisam duas virtudes citadas pelo dominicano: a justiça e a prudência. De acordo com as autoras, apenas estas duas virtudes já demonstram a importância da ação de cada pessoa na vida social. Para Tomás de Aquino, todo aquele que pratica o “bem” é regido por virtudes, já os que

praticam o “mal” são tidos como “viciosos”. De acordo com Oliveira e Cavalcante, no ambiente citadino, o ensino de valores possibilitava que apresentassem a necessidade da tolerância para que a sociedade vivesse em ordem.

Finalmente, percebemos que os estudos sobre religiões e religiosidades se intensificaram no século XXI. Este livro e a própria iniciativa do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades ajudam a impulsionar por meio da pesquisa científica à problematização das diversas manifestações religiosas. A questão abordada, além de ser de extrema importância e atualidade, é uma das principais problemáticas enfrentada pelo campo da religião e religiosidade. Como as discussões presentes no livro nos permitem perceber, a tolerância e intolerância religiosa existiram desde a antiguidade e permanecem até os dias atuais agindo, por vezes, de forma radical e precipitada, tornando ainda mais urgente e legítima a necessidade em abordar esta temática. O livro resenhado, além de cumprir com seu objetivo principal, permite, por meio da diversidade de áreas do conhecimento que abordam a temática, o enriquecimento da nossa perspectiva sobre a tolerância e a intolerância nas manifestações religiosas possibilitando agregar novos conhecimentos científicos e estimulando futuras pesquisas.